

# ADORNOS, ESPAÇO E TEMPO: AS CONTAS DE COLAR EM MESAS DO CASTELINHO (SANTA CLARA-A-NOVA, ALMODÔVAR)

Recebido: 19 de Abril de 2017 | Aprovado: 1 de Dezembro de 2018

**Susana Estrela<sup>1</sup>**

FCT | UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

## Resumo

A estratigrafia da Idade do Ferro e de época romana de Mesas do Castelinho (Almodôvar) promove a reflexão sobre os adornos deste povoado e a discussão das diferenças e semelhanças com outros sítios do Sudoeste peninsular.

Ainda que em porções reduzidas, as matérias-primas, formas e cores dos adornos são variadas e há uma certa primazia das contas oculadas.

O Mediterrâneo mostra-se do princípio ao fim do povoado. Periférico nos grandes circuitos comerciais é um marco num interior que importa os artigos do litoral peninsular e de pontos mais distantes do *Mare Nostrum* romano.

**Palavras-chave:** adornos; estratigrafia; Idade do Ferro; Época Romana; Mediterrâneo.

## Abstract

The Iron Age and Roman era stratigraphy of Mesas do Castelinho (Almodôvar) provides reflections on the adornments of this site and the debate of differences and similarities with other sites of the South-western Iberian Peninsula.

Though in reduced amounts, the raw materials, shapes and colours of the ornaments vary, with a certain primacy of the eyed-glass beads.

Mediterranean shows itself from start-to-end of the site. Marginal in the great trade circuits is a landmark in an interior that imports the articles of the peninsular coast and of more far points of the Roman *Mare Nostrum*.

**Key-words:** adornments; stratigraphy; Iron Age; Roman Period; Mediterranean.

[https://doi.org/10.14195/2182-844X\\_6\\_18](https://doi.org/10.14195/2182-844X_6_18)

---

<sup>1</sup> estrela.susana@gmail.com

“O Mediterrâneo não é apenas um mar e o litoral que o rodeia”

Predrag Matvejevitich | *Breviário Mediterrânico*, 2009: 137

## I. Mesas do Castelinho: o sítio no tempo e no espaço

Nos finais do século V – inícios do século IV a.C., a meio caminho entre a peneplanície alentejana e os contrafortes da Serra do Caldeirão (Cf. Fig. 1), é fundado Mesas do Castelinho (Santa Clara-a-Nova, Almodôvar).

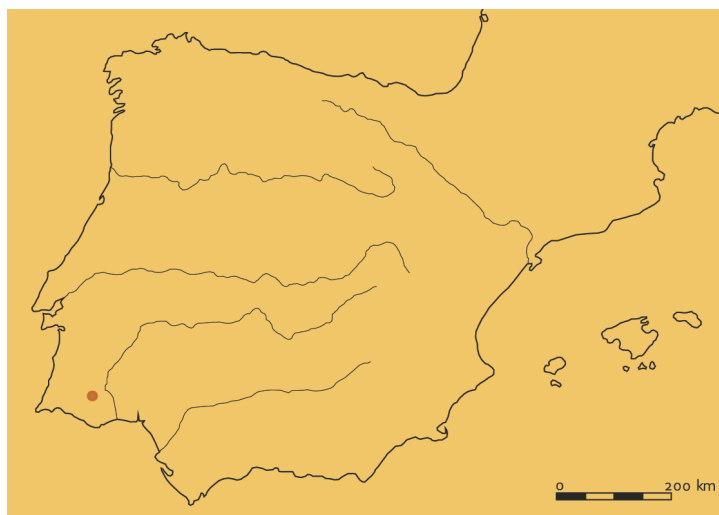


Fig. 1 - Localização de Mesas do Castelinho na Península Ibérica (fonte da foto: Google Earth, 2013).

A fase da Idade do Ferro mostra um “povoado cego” com áreas oficinais e habitacionais num perímetro amuralhado com perto de 3,5 ha, disposto em duas plataformas sobranceiras à Ribeira de Mora, afluente do Rio Mira que corre

mais a Oeste. Núcleo rural de dimensões razoáveis, a sua localização faz-se numa passagem natural de vias. Recebe, ainda que em quantidades relativamente escassas, artigos importados do litoral, mas adquire, simultaneamente, alguma relevância na distribuição destes artigos e da cerâmica local ou regionalmente produzida (Estrela, 2010-2011).

Continuamente ocupado até aos inícios do século II d.C., conheceu cedo os sinais da romanização do território. Disso são bons exemplos a presença ingente de cerâmica campaniense A e B de origem itálica e as produções de provável origem

hispânica (Alves, 2014) mas também a frequência significativa de ânforas T-9.I.I.I. usadas no transporte de preparados de peixe (Filipe, 2010: 71), de Dressel I itálicas e do vale do Guadalquivir destinadas ao transporte de vinho, das multusos Haltern 70 desta área (Parreira, 2009: 55-56; 60-61) ou a abundância de *terra sigillata* itálica de cronologia augustana (Viegas, 2019). As fíbulas do tipo Schüle 4h, tradicionalmente chamadas transmontanas, têm neste povoado dados suficientes para provar a sua produção no Sul da Península Ibérica e o seu uso em ambientes não propriamente militares (Miguez, 2013). Expressivos são também os *simpula* tardo-republicanos usados no serviço do vinho (Fabião, 1999: 175-179). E a economia, agora monetizada, mostra bons índices de cunhagens itálicas e hispânicas e sobretudo de dois portos já antigos nas relações do povoado: *Myrtilis* e *Ossonoba* (Fabião, 1998 [vol. 2]: 457-458).

Mas a reforma administrativa de Augusto e o afastamento do sítio dos novos eixos viários ditam o princípio do fim do povoado que assiste à partida da sua população para outras paragens e

nos inícios do século II d.C. o sítio é abandonado (Guerra e Fabião, 2010: 485-486).

Entre os séculos IX e XI d.C., uma fortificação omíada sobranceira a um aglomerado residencial, reflexo de um contingente militar que se impõe às comunidades locais, coloca mais uma vez Mesas do Castelinho no mapa e na história (Guerra e Fabião, 2001: 172; Fabião e Guerra, 2008: 104-105).

Em quase 30 anos de projecto arqueológico<sup>2</sup> é fácil entender o volume e o peso do acervo material do sítio, valioso para conhecer as ocupações do povoado, da área mais próxima mas também do Sudoeste peninsular. O conjunto dos adornos pessoais de encadear/ensartar, sendo dos mais leves, ganha peso na discussão de questões de cronologia ou dos níveis de sucesso da penetração de artigos de origem mediterrânica.

## II. A historiografia das contas pouco trocada em miúdos

Uma estampa publicada em finais do século XIX constitui, ainda hoje, um marco no tema das contas de colar. Se bem que alguns daqueles conjuntos não configurem propriamente colares, podendo ser alternativamente pulseiras, são essenciais para o estudo destes objectos que formam uma boa parte da cultura material da Idade do Ferro.

A vistosa e colorida produção, da autoria de Estácio da Veiga (Cf. Fig.2), dos adornos de Fonte Velha de Bensafrim (Lagos), Cômoros da Portela (S. Bartolomeu de Messines), Milreu (Faro) e Torre de Ares, Tavira (Veiga, 1891 [Est. XXVIII]) é



Fig. 2 - Contas de Fonte Velha de Bensafrim, Cômoros da Portela, Milreu e Torre de Ares (Veiga, 1891, Est. XXVIII).

um valioso documento para o estudo deste tema, já que ali se expõem diferentes matérias-primas.

Mais de meio século depois, a arqueologia portuguesa assiste a uma nova etapa desta temática. Os trabalhos desenvolvidos nos anos 60, 70 e 80 do século XX por Caetano de Mello Beirão e colaboradores no Baixo Alentejo, sobretudo na área de Ourique, providenciaram, ainda que nem sempre com dados precisos, novos conjuntos, em diferentes matérias-primas e com distintas origens (e.g.: Beirão, 1986; 1990; Beirão e Correia, 1998; Beirão *et al.*, 1985; Dias, Beirão e Coelho, 1970). Esta retoma deste tema dos adornos imprime parte do modelo explicativo da chamada I Idade do Ferro da região e do restante território meridional actualmente português.

O avanço da disciplina arqueológica, como o de qualquer área científica, faz-se com o uso das ferramentas técnicas e das intrínsecas capacidades dos investigadores. A partir de meados dos anos 90 do século XX estes dois elementos aliam-se no estabelecimento de novos paradigmas. A identificação de inúmeros

<sup>2</sup> Para um historial, Cf. Fabião, 1998 [ vol. 1]: 284-330; Fabião e Guerra, 2008; Fabião e Guerra, 2010; Guerra e Fabião, 2010; Estrela, 2010 [ vol. 1]: 5-8.

contextos funerários e habitacionais nas áreas afectas à segunda fase do empreendimento de Alqueva tem providenciado, desde os inícios do novo século/milénio, um bom terreno de investigação.

Têm-se multiplicado nos últimos anos os estudos arqueométricos, essenciais para a identificação das origens das matérias-primas destes materiais e respectivos ritmos de difusão. Outros estudos, de cariz fundamentalmente morfológico, e com preocupações estratigráficas, dão provas essenciais para a caracterização dos sítios em si, mesmo daqueles com escavações antigas, e fornecem novas pistas de análise.

Entre uns e outros, e sem intenções de exposição exaustiva, destaco alguns dos estudos desenvolvidos no

Sudoeste peninsular ou aqueles que, realizados fora desta área, são menções

obrigatórias:

Arruda *et al.*, 2016;

Berrocal-Rangel,

1989; Fabião, 2001;

Jiménez Ávila,

1999; 2001;

2002-2003; 2003;

García Heras *et al.*,

2003; Gomes, 2014;

2016; Gonçalves *et al.*, 2011; Martín de la Cruz *et*

*al.*, 2004; Martínez Mira e Vilaplana Ortego,

2014; Murillo-Barroso e Martín-Torres, 2012;

Palomar, Peña-Poza e Conde, 2009; Ruano Ruiz,

1995; 1996; 1997; 2001; Ruano Ruiz, Hoffman e

Rincón, 1995.

### III. Antes dos dados de Mesas do Castelinho, as contas de outros sítios

As quantidades dos elementos de adorno de Mesas do Castelinho não se equiparam às frequências muito superiores dos contextos funerários da região e de outras áreas do Sudoeste peninsular, conforme se pode observar do quadro (Cf. Fig. 3). Este lista as necrópoles com adornos pessoais de ensartar/encadear nas mesmas matérias-primas das existentes em Mesas do Castelinho e minimamente quantificados. As contagens atendem à totalidade do espólio, sem individualização por túmulo/sepultura.

Necrópole	Cornalina	Âmbar	Vidro	Cronologia	Bibliografia
Fonte Santa (Ourique)	2 contas	82 contas	84 contas * (2)	Sécs. VI-V a.C.	Beirão, 1986, 71; 73; Arruda, 2001, 283-284
Vinha das Calças 4 (Beja)	2 contas + 1 pingente (flor de lótus/garrafa)		794 contas	Meados séc. VI a.C. - inícios séc. V a.C.	Gomes, 2014, 32 e fig. 3-1, 2 e 3
Mealha-a-Nova (Ourique)	1 pingente (bago de romã)	22 contas	105 contas	Sécs. VI-V a.C.	Dias, Beirão e Coelho, 1979, 178; 182; 183; 200
Pardieiro (Odemira)	1 pingente oblongo	2 contas* (3)	91 contas * (3)	2ª metade séc. VI a.C.	Beirão, 1990, 111; 115 - fig. 8
Herdade do Gaio (Sines)	6 contas	27?*(4)	224 contas	Séc. VI a.C., possivelmente 2ª metade	Gomes, 2016, 402-404
Fernão Vaz (Ourique)	inexistente	15 contas	27 contas	2ª metade séc. VI a.C.	Beirão, 1986, 105
El Jardal (Badajoz)	inexistente	14 contas	116 contas	Finais séc. V a.C.	Jiménez-Ávila, 2001, 116; 118
Palhais (Beja)	inexistente	inexistente	438 contas	Séc. VI a.C.	Santos <i>et al.</i> , 2009, 761; 763 e fig. 5
Fonte Velha de Bensafrim (Lagos) *(1)	inexistente	inexistente	258	Séc. VI - inícios séc. V a.C.	Gomes, 2016, 409, 411

\*1: escavações de Estácio da Veiga

\*2: números aproximados, dado o desconhecimento dos componentes do colar do túmulo 4

\*3: números mínimos, dado o desconhecimento dos componentes do colar do túmulo 3

\*4: matéria-prima não está confirmada

Fig. 3 - Necrópoles com adornos pessoais de ensartar/encadear nas mesmas matérias-primas das presentes em Mesas do Castelinho.

Outros contextos são de alusão obrigatória: as quase 300 contas vítreas de Los Pajares, Cáceres, de contextos funerários e habitacionais e sobretudo de recolhas de superfície, num sítio datado do século V aos inícios do século IV a.C. (Jiménez Ávila, 1999: 140; 144-147; 148); ou, a uma distância geográfica e numérica maior, as 1018 contas vítreas da necrópole de El



Cigarralejo, Múrcia, utilizada entre os séculos V e II a.C. (Ruano Ruiz, 1997), parte delas com estudos arqueométricos (Ruano Ruiz, Hoffman e Rincón, 1995) e as 56 contas anulares monocromas e oculadas (algumas delas submetidas a arqueometria), presentes em nove sepulturas das 155 da necrópole celtibérica do século II a.C. de *Numantia*, Sória (García Heras *et al.*, 2003: 174).

Em linha oposta, estão as meras sete contas em vidro, num total de 46 contas em diferentes matérias-primas, da necrópole de Medellín, Badajoz, em contextos de meados do século VII a.C. a meados do século V a.C. (Almagro-Gorbea, 2008: 395-398) ou as quatro contas do conjunto orientalizante de Talavera La Vieja, Cáceres, associadas a outros elementos de adorno (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2006: 157 [fig. 1]; 159-160). Estão também as meras cinco contas do Olival do Senhor dos Mártires, Alcácer do Sal - quatro em vidro e uma em cornalina, com contextos desconhecidos de recolha, num sítio ocupado desde meados do século VII a.C. até à época romana (Gomes, 2016: 314; 320; 350; [Est. CXXXIX e Est. CXLII, n° 1165]) e as três contas oculadas do século V a.C. da necrópole do Galeado, Vila Nova de Milfontes (Beirão e Gomes, 1983: 225 [fig. 14, n° 6; 226; 262]).

Se algum dia houver a oportunidade de identificar e estudar as diferentes necrópoles de Mesas do Castelinho, outros e aliciantes dados serão com certeza boas contribuições para o conhecimento das cronologias, rotas e contextos de difusão destes artefactos.

Em linha, nalguns casos, com a própria dimensão dos sítios e com a sua diacronia de ocupação, estão alguns contextos habitacionais e/ou culturais onde as contas são pouco significativas: no núcleo de Neves-Corvo (Castro

Verde), em Fernão Vaz ou no depósito secundário de Garvão (Ourique), em Cancho Roano e Castrejón de Capote (Badajoz). Também são pouco expressivas em âmbito litoral e perilitoral, como em Castro Marim, Monte Molião (Lagos) e Cerro da Rocha Branca (Silves), em ocupações dos séculos VI-V e IV-III a.C. (Arruda *et al.*, 2016: 95). Por outro lado, é clara a grande distância numérica das contas do povoado almodovarense relativamente a Cabeça de Vaiamonte (Monforte) e Porto do Sabugueiro (Salvaterra de Magos).

Em falta, à data, está o estudo das contas vítreas de Azougada (Moura), aparentemente no lote dos materiais mais tardios do sítio, dos séculos IV-III a.C. e conhecidas genericamente (Gomes, 1990: 93).

Para Neves I são indicadas duas contas oculadas (Maia, 1985-1986: 237) num sítio ocupado entre os meados do século VI a.C. e os finais do século V - inícios do século IV a.C. As contas de Corvo I, em quantidade imprecisa mas possivelmente pouco expressiva, teriam sido recolhidas num pátio onde as taças Cástulo (Maia e Maia, 1996: 88) apontavam uma datação de finais do século V - inícios do século IV a.C.

De Fernão Vaz, ocupado entre os meados ou finais do século VI e os meados do século seguinte (Arruda, 2001: 220) existiam, em número indeterminado, contas oculadas (Beirão e Correia, 1998: 288) como a constante em publicação posterior (Correia e Parreira, 2002: 42). O contraste é evidente, em termos de quantidades e proveniência estratigráfica, com os dados da necrópole epónima (Cf. Fig. 3).

Em Cancho Roano, um colar de 18 contas em vidro e noutras matérias-primas e centrado por um pingente testiforme foi identificado no edifício principal do complexo arquitectónico, do

século V a.C. (Jiménez Ávila, 2003: 263; 275-276).

No povoado fortificado de Castrejón de Capote, fundado em meados do século V a.C., quatro contas em âmbar depositavam-se sobre o altar do Santuário A, do nível 3, datado dos meados do século IV aos meados do século II a.C. Sete contas em vidro, seis delas oculadas, provinham dos compartimentos contíguos, dentro do nível 2, já após a anulação daquele espaço cultural (meados a finais do século II a.C.), associados a materiais importados relacionados com os contextos da conquista romana (Berrocal-Rangel, 1989: 252-254; 257; 259; 268 [fig. 10, nº 15, 16, 18 e 19]; 285 [fig. 27, nº I-5 e II-13]; 292 [fig. 34]). Perante estas informações estratigráficas, atrevo-me a sugerir que estas meras 11 contas de Castrejón de Capote indicarão a presença de um único adorno - colar ou pulseira, originalmente relacionado com o espaço cultural.

No depósito secundário de Garvão, datado do século III a.C., oito contas de cornalina (esféricas achatadas, cilíndricas e bitroncocónicas) suplantam cinco contas em vidro monocromo, esféricas ou cilíndricas (Beirão *et al.*, 198: 92-94). O mesmo que sugeri para Castrejón de Capote aponto para as 13 contas deste sítio, embora aqui se relacionem apenas com este espaço anexo e não propriamente com o contexto votivo.

Ainda que estas quantidades reduzidas se enquadrem num padrão, já apontado por outros autores, de uma progressiva redução das importações em vidro de origem mediterrânica no interior, a partir do século IV a.C. (Jiménez Ávila, 1999: 149; Fabião, 2001: 210) outros factores existirão para explicar a sua parca presença em sítios tão antigos quanto as necrópoles de Medellín ou do Olival do Senhor dos Mártires. Esta raridade verifica-se também

em cronologias coevas nos sítios algarvios atrás referidos e os dados de Castro Marim são particularmente expressivos desta diminuição em momentos anteriores, o que ajudará a recuar esta tendência para o século V a.C.

Outros dois locais mostram-se avessos a este panorama e por razões distintas. Da longa e possivelmente contínua ocupação de Cabeça de Vaiamonte do I milénio a.C., existe um conjunto abundante e diversificado: 889 contas em vidro, das quais apenas 24 são oculadas e um numeroso lote de contas em cornalina, não contabilizadas. Infelizmente não se conhecem os seus contextos de recolha. A justificação para este vasto e variado conjunto num sítio interior e periférico poderia estar na sua longa diacronia mas sobretudo na diversidade de centros produtores e de pontos de origem da difusão das contas vítreas. Por outro lado, alguns defeitos nas contas mais frequentes do conjunto poderiam indicar uma produção local, ainda que sem provas evidentes. (Fabião, 2001: 200; 202; 207; 210; 212). No Porto do Sabugueiro, na margem esquerda do Tejo, com ocupação iniciada na chamada I Idade do Ferro, foram analisados 228 elementos de adorno. Ainda que não se possa atribuir uma cronologia específica, que pode estar balizada entre os séculos IV-II a.C. ou mesmo I. a.C., existem sinais de uma produção local: fragmentos de contas com deformações e escórias, para lá da monotonia morfológica das contas. Estes objectos seriam distribuídos depois a nível regional (Arruda *et al.*, 2016: 82; 88; 93-94; 97).

#### IV. Os elementos de adorno de Mesas do Castelinho

O que se apresenta e discute constitui uma revisão do estudo destes artefactos do sítio, já

apresentado mais ou menos extensamente (Estrela, 2010 [vol. I]: 72-78; 2010-2011). É também uma actualização destes dados, com elementos de adorno entretanto identificados em contextos estratigráficos definidos ou à superfície.

Até ao momento, foram identificados em Mesas do Castelhinho 76 elementos de adorno destinados a ser ensartados ou encadeados, elaborados em materiais minimamente diversificados e com diferentes origens: 14 contas e um pingente em cornalina, duas contas em âmbar, 55 em vidro - 25 delas decoradas, e quatro que parecem poder ser em quartzo. O conjunto é relativamente variado em termos de cores e formas, conforme se pode observar no gráfico (Cf. Fig. 4).

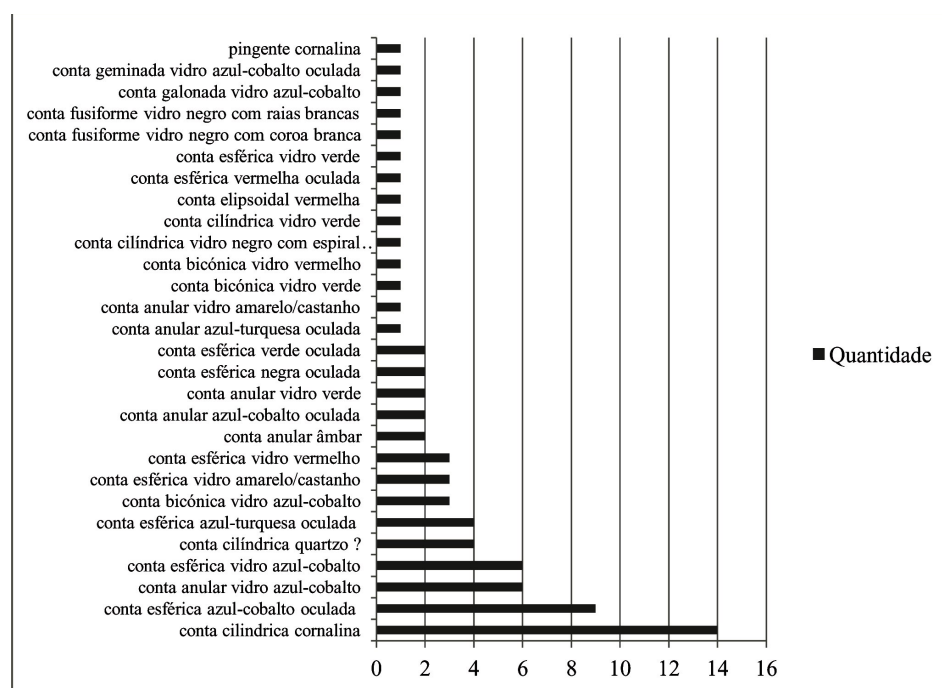


Fig. 4 - Formas, cores e matérias-primas dos adornos de Mesas do Castelhinho.

#### 4.1. Quartzo?

A ser correcta a atribuição da matéria-prima destas contas, estaremos perante uma rocha bastante abundante em qualquer ponto do planeta, mas que parece não constituir

propriamente uma preferência na produção de contas. Em linha com este panorama estarão as meras quatro contas brancas de Mesas do Castelhinho, todas cilíndricas (Cf. Fig. 5). Metricamente, o conjunto é muito uniforme, rondando 0,4 cm de altura e 1 cm de diâmetro. Duas provinham de estratos do século I d.C. e outra da fase de ocupação omíada. Uma quarta encontra-se associada a uma conta geminada oculada (Cf. 5).

#### 4.2. Cornalina

A cornalina é totalmente exótica na Península Ibérica (Martínez Mira e Vilaplana Ortego, 2014: 913). A ausência de estudos específicos sobre este tipo de rocha impossibilita a identificação da origem litológica das contas feitas nesta matéria-prima (Gonçalves *et al.*, 2011: 230) ainda que se

possa presumir por uma origem egípcia para as importações presentes no Sudoeste peninsular (Martín de la Cruz *et al.*, 2004: 16).

As 14 contas de Mesas do Castelhinho são cilíndricas e apenas uma delas apresenta perfuração descentrada. Outra apresenta sinais de alteração provocados pela proximidade a uma estrutura de combustão. Metricamente trata-se de um conjunto

homogéneo, rondando 0,5 cm de altura e 1 cm de diâmetro mas duas contas são ligeiramente mais longas que as restantes, com cerca de 1,4 cm de dimensão (Cf. Fig. 5).

Três contas provêm de revolvimentos da superfície, duas surgem na estratigrafia medieval-islâmica. Quatro contas foram identificadas em contextos estratigráficos do século I a.C., presentes nas duas plataformas. Uma destas comporia um adorno, adiante descrito (Cf. 5). Outras cinco contas estão presentes em contextos de utilização posteriores aos meados do século II a.C., dispersos pelas duas plataformas do sítio.

Existe ainda um pingente em cornalina. Conforme se oriente, tem forma de cápsula de flor de lótus - na posição invertida, ou de garrafa - na posição tipológica.

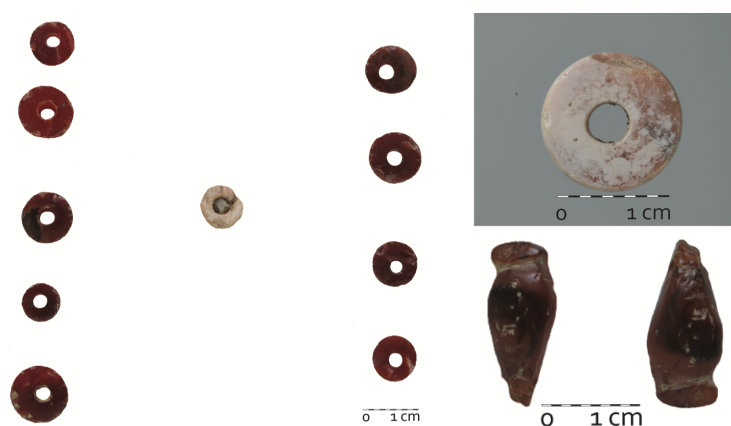


Fig. 5 - Contas em cornalina e em quartzo e pingente em cornalina.

Surgiu num depósito de derrube de um compartimento do chamado 2º Quarteirão da Plataforma B, cuja associação a materiais cerâmicos importados, nomeadamente *terra sigillata* sudgálica, permite uma datação contextual da 1ª metade do século I d.C.

Ao contrário do que sucede em Mesas do Castelinho, a cornalina tem pouca presença nas necrópoles da Idade do Ferro da região, seja naquelas onde os elementos de adorno são muito abundantes (Cf. Fig. 3), seja naquelas onde eles são mais escassos.

De entre estes, para além da escassez geral das contas vidro, foi também já citada a raridade da conta em cornalina do Olival do Senhor dos Mártires. Um pingente foi recolhido na necrópole de cistas de Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim), datada dos séculos VI-V a.C. (Cardoso e Gradim, 2006: 211; 214 [fig. 15 n° 1]; 215 [fig. 16 n° 1]; 222).

Esta fraca representatividade estender-se-á a datas mais antigas: uma conta elipsoidal na reutilização do Bronze Final do monumento n° 1 do Lousal, Grândola (Cardoso, 2004: 206); um pingente no pequeno povoado aberto dos finais da Idade do Bronze de Monte do Outeiro 2, Reguengos de Monsaraz (Mataloto, 2012: 207 e fig. 23).

Contrariando esta situação, temos, para além dos 15 adornos de Mesas do Castelinho, as oito contas em cornalina do depósito secundário de Garvão, do século III a.C., e a sua presença em povoados com ocupações do Bronze Final e da chamada I Idade do Ferro dos actuais concelhos de Moura e Serpa: nas duas ocupações do Castro dos Ratinhos (Gonçalves e Soares, 2010: 389-392); no povoado fortificado do Álamo ocupado no Bronze Final; do povoado aberto de Salsa 3, com ambas as cronologias representadas, provém um pingente (Gonçalves *et al.*, 2011: 227-228 e fig. 1) do “silo” 23 que por associação a ossos ligeiramente queimados de *bos taurus* datados pelo radiocarbono, é datável do século VI ou V a.C. (Deus, Antunes e Soares, 2009: 522).

A matéria-prima é relativamente frequente em alguns sítios da área de Cádiz e Málaga mas também em sítios do interior, na área de Córdoba, entre os finais do século IX a.C e os

inícios do século seguinte (Martín de la Cruz *et al.*, 2004; Torres Ortiz, 2013). Nos povoados alicantinos de Peña Negra e La Fonteta, ocupados, respectivamente, entre 850-750 e 760-550 a.C. existiam muitas contas em cornalina (Martínez Mira e Villaplana Ortego, 2014). Adornos destes faziam parte do tesouro de Ébora (Cádiz) dos séculos VI-V a.C (Torres Ortiz, 2013: 2) e das oferendas do santuário de La Algaida (Cádiz), visitado entre os séculos VI e II a. C. (López Amador e Ruiz Gil, 2010: 440). A matéria-prima era também abundante nos colares da necrópole dos séculos IV-III a.C. de Puig des Molins, Ibiza (San Nicolás Pedraz, 1986: 66-67; 92 [fig. 17]; 93 [fig. 21]).

Existe também no colar de Cancho Roano (Jiménez Ávila, 2003: 275-276) e, em apreciável número, em Cabeça de Vaiamonte, (Fabião, 2001: 212), em ambos os casos não contabilizada.

Aparecem ainda nos contextos funerários do século II d.C. da Andaluzia oriental e no âmbito da reutilização de construções megalíticas, como em La Encantada III e Carpochanes II (García Sanjuán, Garrido González e Lozano Gómez, 2007: 115) mas também em Torre de Ares (Pereira, 2014 [vol. I]: 162; [vol. II] 23.5 e 130.15), cujos indicadores cronológicos são imprecisos mas que se concentrarão nos séculos I e II d.C. (Pereira, 2014: 218-219).

Uma leitura que resulta desta listagem é, por um lado, a da presença constante, e desde tempos da primeira metade do I milénio a.C., destas contas e pingentes no litoral meridional peninsular. O mesmo se pode apontar em área interior nos sítios das áreas de Serpa, Moura e Córdoba. Neste sentido, as contas de cornalina presentes nos sítios baixo-alentejanos de Garvão e Mesas do Castelhinho, perfeitamente interiores, podem estar a indicar um certo dinamismo da difusão

desta matéria-prima para esta área a partir do século III a.C., dada a contemporaneidade daquele depósito secundário com uma das etapas do povoado. Este dinamismo prolongar-se-á até ao século I a.C., atendendo à presença destes elementos em contextos de utilização de época romana republicana de Mesas do Castelhinho. O peso que algumas delas têm, em contextos de utilização do século II a.C. pode estar a dar sinais de que esta difusão se relaciona com a presença de tropas romanas na região.

Um pingente em cornalina de um contexto de época romana é de menção obrigatória, tanto mais que mostra semelhanças com o de Mesas do Castelhinho: o recolhido por Estácio da Veiga em Torre de Ares (Veiga, 1891 [Est. XXVIII, nº 10]).

Constava de um colar composto também por contas em vidro e em vértebras de peixe, identificado “(...) *nos terrenos das ruínas de Balsa (...) cidade préromana (...) em planos (...) inferiores aos dos alicerces dos edifícios arrazados (...)*” (Veiga, 1891: 260) e volta a ser referido mais tarde (Nolen, 1994: 207, 208 [div.6]; Est.34 [div.6]). Estes elementos reportam-se, afinal a contextos funerários, concretamente aos da necrópole Norte da cidade de *Balsa*, ocupada entre os finais do século I a.C. e, pelo menos, o século V d.C., mas sobretudo concentrada nos séculos I e II d.C. (Pereira, 2014 [vol. I]: 162; 218-219; [vol. II]: Est. 24.1). Como sabemos hoje, não se conhecem quaisquer vestígios minimamente seguros de uma ocupação pré-romana no local, pelo que, concordando com o já sugerido anteriormente, estes adornos deverão pertencer a época romana (Viegas, 2011: 272).

Possivelmente, e atendendo à cronologia imputável aos adornos em cornalina de Mesas do Castelhinho, os pingentes destes dois contextos romanos poderão ser balizados de um intervalo



mais pequeno, em torno dos finais do século II a.C., perdurando a sua utilização em Torre de Ares para além da passagem de era. A estar correcta a datação agora proposta para estes pingentes, estaremos perante sítios do actual território português cujas ocupações de época romana podem estar a dar sinais da manutenção da aquisição de peças como estas em períodos mais recentes, num cenário onde o Mediterrâneo joga um papel importante. Faltam-nos, porém, dados mais concretos, até de outros sítios do Sudoeste peninsular, para tornar esta proposta numa certeza.

### 4.3. Âmbar

A arqueometria atesta a fama das importações de âmbar báltico em sítios pré-históricos a Norte do Ebro. Paulatinamente atinge, durante a proto-história, o centro e o Sul da península. Outro foco natural de âmbar é siciliano, e o mesmo tipo de estudos provam a sua difusão durante a pré-história para o Sudoeste peninsular (Murillo-Barroso e Martínón-Torres, 2012: 207; 208). O mesmo sucede com o âmbar naturalmente presente no Norte e Noroeste, explorado desde tempos pré-históricos (Cerdeño *et al.*, 2012: 376).

As duas contas em âmbar de Mesas do Castelinho estão ambas fracturadas mais que uma vez<sup>3</sup>. No entanto é possível apurar que são anulares, rondando 1,2 cm de diâmetro.

Os seus contextos de recolha falam de cronologias do século I a.C. Uma delas agrega-se a três contas em vidro presentes numa ocupação do chamado complexo de construções do século I a.C., edificado na Plataforma A do sítio (V. 5).

As contas em âmbar são relativamente frequentes em contextos funerários da Idade do

Ferro localizados em paragens interiores e litorais (Cf. Fig. 3).

Em datas dos finais da Idade do Bronze, e em poucas quantidades, surge nos contextos da Quinta do Marcelo, Almada e da Coroa do Frade, Évora (Murillo-Barroso e Martínón-Torres, 2012: 205) e da reutilização da *tholos* de Nora Velha, Ourique, Abel Viana recolheu nove exemplares (Gomes, 2016: 35).

Ocorre por quatro vezes sobre o altar do Santuário A do povoado fortificado de Castrejón de Capote, num contexto de meados do século IV a meados do século II a.C. (Berrocal-Rangel, 1989: 252-254; 268 [fig. 10, n° 15, 16, 18 e 19]; 292 [fig. 34]).

Ainda que não existam estudos que provem a origem do âmbar nos sítios atrás citados, a presença de âmbar báltico em contextos funerários da Idade do Ferro da actual Andaluzia, como em Palacio III, Sevilha (Murillo-Barroso e Martínón-Torres, 2012: 193; 208 [fig. 10, n° 68]), sugere, dada a geografia, que a matéria-prima presente na região baixo-alentejana teria a mesma origem. Um ponto fulcral das intensas rotas comerciais de materiais bálticos passaria pela Península Itálica, pelo menos desde o século VII a.C., parecendo destronar as produções sicilianas, tão presentes em períodos pré-históricos (Murillo-Barroso e Martínón-Torres, 2012: 210).

Os dados de Mesas do Castelinho, dada a escassez de contas em âmbar, são pouco significativos no momento de tentar interpretar mecanismos e ritmos de difusão destas contas. No entanto, parece evidente um certo declínio na produção e obtenção destas contas conforme vai avançando o I milénio a.C., porventura

<sup>3</sup> Por essa razão não se representam.

negligenciadas a favor da cornalina. Um tanto ou quanto contra esta hipótese, está o facto de que estas contas, como outras em outras matérias-primas, terem feito parte de colares ou de outros adornos. A este respeito, os dados de Mesas do Castelinho são especialmente relevantes, uma vez que uma conta em âmbar se reúne a três contas em vidro (V.5), da mesma forma que é certa também a associação a outras contas em alguns dos contextos funerários mais antigos mencionados.

#### 4.4. Vidro

O vidro é uma criação egípcia do III milénio a.C., mais tarde difundida por todo o Mediterrâneo. Conheceu fabrico na Península Ibérica, concretamente em Ibiza (Ruano Ruiz, 1997: 26), e possivelmente na área de Múrcia (Ruano Ruiz, Hoffman e Rincón, 1995: 198). Dados recentes apontam a sua produção em Porto do Sabugueiro, Salvaterra de Magos (Arruda *et al.*, 2016).

A atribuição tipológica e cronológica das contas em vidro de Mesas do Castelinho seguiu os parâmetros estabelecidos por Ruano Ruiz (1996).

Ainda que no conjunto de contas em vidro de Mesas do Castelinho domine o azul-cobalto e a forma esférica (Cf. Fig.3), ele é ao mesmo tempo tipologicamente diversificado e colorido, com oito morfologias e seis cores distintas. Vai um pouco ao encontro da diversidade observada em Cabeça de Vaiamonte, com nove tipos e oito cores (Fabião, 2001: 203-204), distinguindo-se claramente da monotonia cromática e morfológica patente nas contas de Porto do Sabugueiro, onde o azul-cobalto domina um conjunto formado por apenas três formas (Arruda *et al.*, 2016: 88). Note-se que são dois sítios onde as contas em vidro são mais abundantes que em Mesas do Castelinho: 889

contas em Cabeça de Vaiamonte e 148 contas classificáveis no Porto do Sabugueiro.

Estes dois sítios têm em comum com Mesas do Castelinho ocupações importantes da segunda metade do I milénio a.C. (Fabião, 1996: 48-61; Arruda *et al.*, 2016: 82-83) mas por razões distintas, tornava-se difícil datar estes materiais: em Cabeça de Vaiamonte, fruto das características das escavações de Manuel Heleno (Fabião, 2001: 202), no Porto do Sabugueiro porque a maioria das contas foi recolhida à superfície e um número minoritário provinha de escavação, mas de níveis revolidos (Arruda *et al.*, 2016: 87).

Já Mesas do Castelinho, apesar de um conjunto francamente diminuto, fornece informação contextual importante para a atribuição cronológica e para o entendimento dos mecanismos e ritmos de produção e aquisição destes artefactos de adorno.

##### 4.4.1. Contas em vidro monocromas

As contas em vidro azul-cobalto imperam este subconjunto, com 16 exemplares. Menos presentes e com cinco exemplares em cada uma das cores estão as contas verdes e as vermelhas e quatro contas são de tons amarelos/castanhos. Existem assim 30 contas vítreas monocromas em Mesas do Castelinho, equivalendo a 54,54% do conjunto de contas em vidro e a 39,47% do conjunto dos adornos do sítio.

Por ordem de representatividade de formas, estas 30 contas monocromas estão assim distribuídas: 13 contas esféricas, nove de forma anular, cinco bicónicas, uma elipsoidal, uma cilíndrica, uma galonada.

#### 4.4.1.1. Contas esféricas

As contas esféricas conhecem produção entre os séculos VIII-II a.C. e, à semelhança das frequências de Mesas do Castelinho, encontram-se bastante difundidas nos sítios da Idade do Ferro do Sudoeste peninsular.

As 13 contas esféricas de Mesas do Castelinho distribuem-se, por ordem de representatividade por seis azuis-cobalto, três vermelhas, três amarelas/castanhas, uma verde (Cf. Fig. 6A). Das seis azuis-cobalto, uma é tão pequena que pode ser designada como missanga. O mesmo acontece com as três contas vermelhas. As suas dimensões mostram diâmetros inferiores a 0,4 cm e 0,3 cm de altura. As restantes contas esféricas monocromas distribuem-se por diâmetros ligeiramente maiores (0,6-1cm) e apenas uma, ainda que fragmentada, mostra dimensões superiores. Esta reúne-se a três contas (V.5).

Uma conta resulta de recolhas superficiais. Duas surgem em outros tantos contextos de utilização da Rua 1 do século I d.C., e outra num nível de abandono daquele século localizado a Oeste daquela rua. Outra foi encontrada num estrato do século I a.C. daquela via de circulação. Todas as atrás mencionadas estavam em situação pós-deposicional.

Duas contas esféricas resultaram da escavação de outros tantos pisos do chamado complexo de construções do século I a.C., no Sector A1, analisados nas primeiras publicações do Projecto Mesas do Castelinho. A cronologia destes níveis de utilização e as deposições justapostas e sobrepostas a eles permitem falar de uma deposição ocorrida entre os finais do século II

a.C. e os finais do 3º quartel do século I a.C.

(Fabião e Guerra, 1994: 280). Outra surgiu num compartimento situado junto do talude superior oriental do sítio, no actual sector em escavação, com ritmos de ocupação muito semelhantes aos daquele conjunto arquitectónico do Sector A1. Outras três contas estão na estratigrafia da data inferior deste intervalo cronológico e duas pequeníssimas contas reúnem-se na estratigrafia da 1ª metade do século III a.C. (V. 5).

Em suma, será possível entender que a extensa maioria destas contas esféricas estará fora do seu

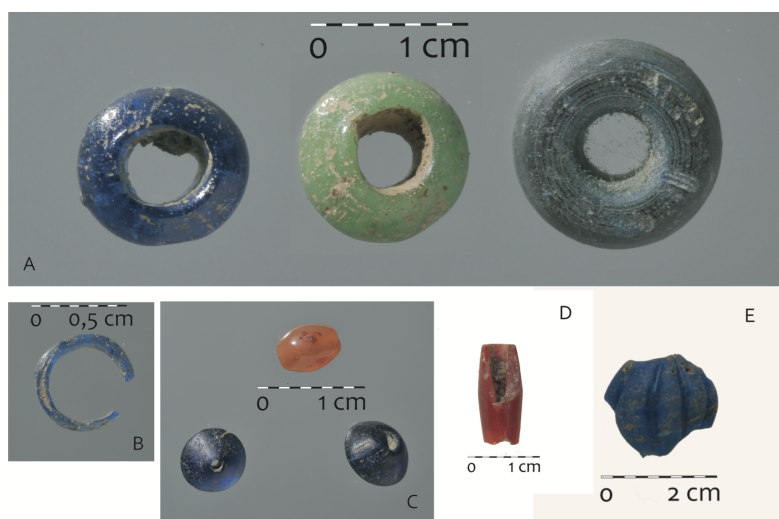


Fig. 6 - Contas monocromas em vidro (A, B e C); Fotos de Francisco Almeida.

contexto de utilização primário, o qual, e atendendo às suas áreas de escavação, aponta para uma cronologia do século II a.C. coincidente com a etapa final da ocupação da Idade do Ferro, porque a estratigrafia subjacente (naquela porção do Sector A1 e na Rua 1) não mostra as preexistências dos últimos momentos da ocupação da Idade do Ferro, algures entre os finais do século III a.C. e o início da ocupação de época romana. Por outro lado, esta hipótese não invalida a possibilidade de fazerem parte do lote dos materiais importados presentes nas ocupações mais antigas da Idade do Ferro, já que

a cronologia da produção destas contas integra a cronologia desta ocupação de Mesas do Castelinho, para mais representada pelas pequenas missangas presentes numa estratigrafia balizada entre a 2ª metade do século IV e a 1ª metade do século III a.C. (V.5).

#### 4.4.1.2. *Contas anulares*

As contas de forma anular conhecem o mesmo intervalo amplo de produção das contas esféricas.

Em Mesas do Castelinho, das nove contas anulares monocromas, seis são azuis-cobalto (Cf. Fig. 6A), duas são verdes e outra é amarela/castanha. Das seis azuis-cobalto, quatro são missangas, com diâmetros da ordem dos 0,3 cm e altura de 0,2 cm. As restantes mostram diâmetros e alturas superiores (0,6 cm e 0,3 cm, em média e respectivamente). Algumas destas relacionam-se com outras contas, presentes na estratigrafia de época romana mais ou menos antiga (V.5).

Uma conta foi recolhida em limpezas de corte. A duas contas verdes é imputável uma cronologia contextual do século I d.C., dispersas por momentos de utilização da Rua 1. Outra surgiu numa utilização da 2ª metade do século I a.C. de um compartimento virado para a Rua 3.

Por fim, existe uma conta de forma anular algo *sui generis*. Trata-se de uma conta azul-cobalto, com perfuração larga e aro muito fino, perfazendo um diâmetro máximo de 0,6 cm e uma altura inferior ao milímetro, o que pode ser entendido como missanga (Cf. Fig. 6B). Foi identificada num piso da 1ª metade do século IV a.C. localizado a Sul do chamado complexo de construções do século I a.C., na mesa superior.

As mesmas conclusões retiradas na leitura da estratigrafia e cronologia das contas esféricas podem ser entendidas para as contas de forma

anular. Uma pequena diferença, porém, se revela numa das contas de forma anular: a sua integração na fase fundacional do povoado, perfeitamente dentro da cronologia de produção destas contas.

#### 4.4.1.3. *Contas bicónicas*

As contas bicónicas estão datadas entre os finais do século VI e os inícios do século II a.C., de acordo com Ruano Ruiz (1996: 66).

As contas com esta forma presentes no sítio distribuem-se por três contas azuis-cobalto, uma conta verde e uma conta vermelha. Metricamente são muito homogéneas, com diâmetros máximo com cerca de 1,7 cm e altura máxima de cerca de 0,4 cm. Já a conta vermelha pode ser vista como bitroncocónica, ainda que na essência integre este grupo (Cf. Fig. 6C).

Uma das contas azuis-cobalto surgiu num nível superficial de escavação da plataforma inferior e uma outra, vermelha, num enchimento de vala de roubo de muro ocorrido durante a ocupação omíada desta mesma plataforma mas as restantes fornecem cronologias contextuais de época romana republicana, mais ou menos antigas. Uma delas integra uma remodelação do complexo arquitectónico de época romana do Sector A1, ocorrida algures no século II a.C. e as outras surgem reunidas com outras contas vítreas presentes na estratigrafia da 2ª metade do século I a.C. (V.5).

As mesmas leituras quanto a situações de deposição e cronologia das contas esféricas e anulares podem ser estendidas a estas contas bicónicas, embora pareça ser relativamente relevante a cronologia antiga do momento de remodelação romano republicano, algo discordante com as cronologias dos finais da produção deste tipo de contas.

#### 4.4.1.4. Conta elipsoidal

Esta forma conheceu produção entre os séculos VII e II a.C. No sítio apenas existe um exemplar vermelho (Fig. 6D), num piso da 1ª metade do século I a.C. da Rua 1.

Esta forma não é muito frequente: uma conta vítrea na necrópole de cistas da Herdade do Gaio (Gomes, 2016: 402); quatro na necrópole de El Cigarralejo (Ruano Ruiz, 1997: 34); uma no povoado de Castillo de Doña Blanca, Cádiz, datada do século IV a.C. (Ruano Ruiz, 2001: 58). Estes exemplares são todos maiores que o exemplar de Mesas do Castelinho. Atendendo às dimensões da conta, o paralelo mais aproximado é o da necrópole da Herdade do Gaio (Costa, 1974: 103 e fig. 7, nº 14). Uma conta semelhante existe em Conímbriga, onde é exemplar único e descontextualizado (Alarcão *et al.*, 1976: 212; 214 [nº 333]; 231 [planche XLVI, nº 333]). Já o contexto estratigráfico da peça de Mesas do Castelinho autoriza uma situação pós-deposicional.

#### 4.4.1.5. Conta cilíndrica

As contas cilíndricas conhecem produção entre os séculos VII a II a.C. No povoado apenas existe um exemplar monocromo, em tons verde petróleo, reunido com contas oculadas num contexto da 1ª metade do século I d.C. (V.5). Trata-se de um exemplar alongado, com 0,7 cm de comprimento por 0,6 cm de largura.

Esta forma não será muito usual. O único paralelo morfologicamente mais aproximado, reunido a duas contas cilíndricas policromas, também elas importantes para a atribuição de paralelos com uma peça de Mesas do Castelinho (V. 4.4.2), está patente na colorida estampa de Estácio da Veiga, nomeadamente no adorno de Milreu (Veiga, 1891 [Est. XXVIII, nº 9]).

Estas contas foram recolhidas (...) *abaixo dos alicerces dos edifícios, indicando porventura a cota de nível do plano correspondente à primeira idade do ferro (...)*” (Veiga, 1891: 260) mas parece ser impossível sustentar esta preexistência nesta *villa* e, ainda que sem outros materiais romanos antigos, uma outra leitura para a presença destas contas neste local propõe a sua cronologia republicana (Teichner, 1997: 145-147). O mesmo já não sucede com a peça cilíndrica de Mesas do Castelinho e ainda que se possa imputar uma situação secundária para a sua deposição, a sua reunião a três contas num contexto datado por materiais cerâmicos importados da 1ª metade do século I d.C. obriga a reequacionar a cronologia da sua produção.

Em busca de paralelos morfológicos coevos ao do contexto de Mesas do Castelinho, atrevo-me a apontar o do acampamento romano de *Vindolanda*, a sul da Muralha de Adriano, no Norte de Inglaterra e junto da fronteira com a Escócia, onde há um conjunto numeroso de contas em vidro dos séculos I e III d.C. produzidas a nível regional. Em concreto, o paralelo revela uma peça em vidro azul com 1,25 cm de comprimento (Hoffman, 2003: 41; 43 [fig. 2, nº 15]), um pouco maior que a conta de Mesas do Castelinho.

A estar minimamente certo este paralelo, estaremos perante uma mescla de elementos culturais: os mediterrânicos das contas oculadas de Mesas do Castelinho que se reúnem a este elemento britânico (V.5). A ser correcto, o contexto estratigráfico de Mesas do Castelinho integra a produção destas contas.

#### 4.4.1.6. Conta galonada

As contas galonadas surgem na Península Ibérica entre os séculos VII-VI a.C., em necrópoles da área de Málaga e difundem-se, nos



séculos V e IV, por Ibiza, Levante e Meseta, terminando a sua produção no século III a.C.

Em Mesas do Castelinho existe um exemplar apenas, azul-cobalto, recolhido no nível superficial do Sector A1 e portanto fora do seu contexto primário. A peça está fragmentada mas é possível observar que tinha dimensões razoáveis, com cerca de 2 cm de altura e talvez outros tantos de diâmetro máximo (Cf. Fig. 6E).

A forma é relativamente usual, com 18 presenças em Cabeça de Vaiamonte (Fabião, 2001: 203-204; 209 [fig.7]); seis no Porto do Sabugueiro (Arruda *et al.*, 2016: 89 [fig.5]); duas contas em Castillo de Doña Blanca, datadas do século IV a.C. (Ruano Ruiz, 2001: 58); uma na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (Gomes, 2016: 314).

Atendendo à cronologia da produção destas contas, o exemplar de Mesas do Castelinho poderia ter estado presente na ocupação da Idade do Ferro.

#### 4.4.2. Contas em vidro policromas

As contas bicromas e policromas constituem 45,45% do conjunto de contas em vidro de Mesas do Castelinho. Distribuem-se, a nível morfológico, por 18 contas esféricas, três anulares, duas fusiformes (bicromas), uma conta cilíndrica com espiral, uma conta geminada oculada. O cálculo deste subconjunto apresenta assim 25 contas.

As 22 contas oculadas representam 40% das contas em vidro e 29,3% no total do conjunto de Mesas do Castelinho. A sua produção ocorre entre os séculos VIII e II a.C. Destas 22 contas oculadas, 10 reúnem-se a outras contas em adornos presentes em níveis de cronologia romana mais ou menos antigos (V.5), o que será sintomático de uma manutenção, se não da

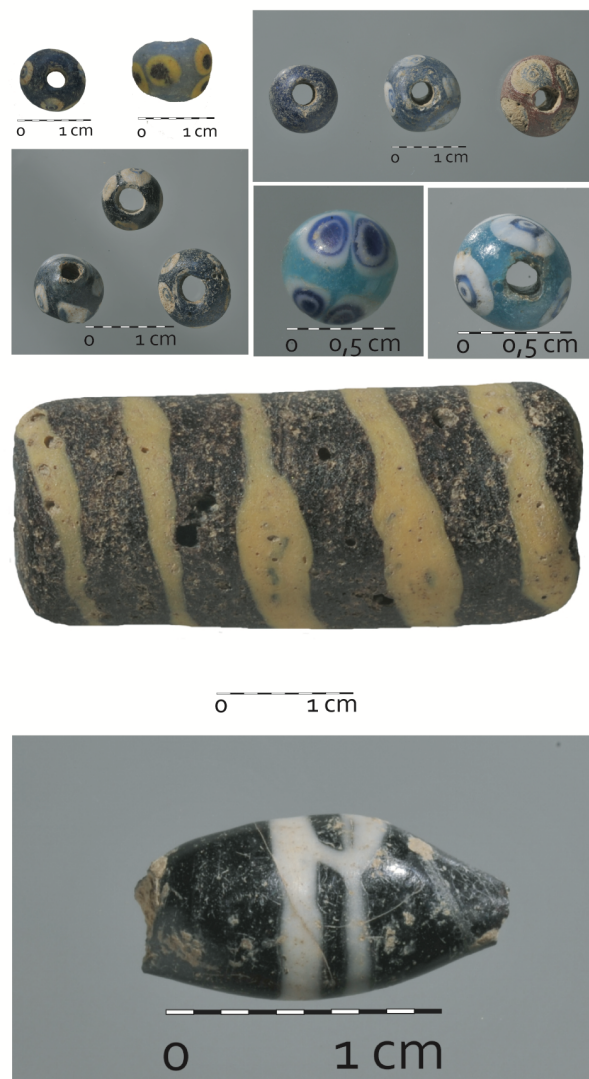


Fig. 7 - Contas policromas (contas sobre fundo cinza e conta cilíndrica decorada); Fotos de Francisco Almeida.

aquisição de contas nestas cronologias, pelo menos da tradição da sua utilização.

O domínio das contas esféricas é evidente, representando 72% deste subconjunto e 32,7% do conjunto total de contas em vidro de Mesas do Castelinho. Uma aparente monotonia cromática parece instalada, com a preferência pelos tons azuis, presentes por 18 vezes em contas de fundo azul-cobalto e por quatro vezes em contas com fundos azuis-turquesa. Menos representados estão os fundos verdes (duas contas), os fundos negros (duas contas) e os fundos vermelhos (uma vez).

As contas de forma anular e oculadas mostram a mesma combinação de cores nos olhos, sejam as suas bases em azul-cobalto ou turquesa.

Quase todas as contas esféricas oculadas, independentemente da cor de base, mostram olhos estratificados a branco e em azul-cobalto. A exceção constitui uma conta de fundo azul-turquesa com olhos em amarelo e azul-cobalto, reunida com outras contas (V.5) Uma conta com fundo azul-turquesa denuncia uma produção cuidada, num exemplar de pequenas dimensões (Cf. Fig. 7).

Em termos estratigráficos, as contas oculadas distribuem-se desde níveis superficiais até contextos da Idade do Ferro. No entanto, a maioria delas encontra-se nas ocupações de época romana, mais ou menos antiga, por vezes reunidas em conjuntos (V.5).

Das identificadas isoladas, a sete é possível imputar uma cronologia contextual do século I a.C., estando presentes em episódios de utilização e derrube da plataforma B. Já a pequena conta esférica azul-turquesa oculada está perfeitamente integrada na estratigrafia da Idade do Ferro, mais concretamente, entre os finais do século V a.C. e a 1ª metade do século seguinte. Surgiu no miolo da muralha oriental do povoado, nos trabalhos de minimização realizados por Carlos Jorge Ferreira em 1987.

Uma das situações de exceção, a nível da forma das contas oculadas, é uma conta geminada de fundo azul-cobalto, com olhos estratificados a branco e no mesmo tom de azul, presente na estratigrafia da Idade do Ferro do sítio. Encontra-se associada a outros elementos de adorno imputáveis à 2ª metade do século IV a.C (V.5).

Conhece razoável quantidade de paralelos: um exemplar de Los Pajares datado de entre o século

V e os inícios do século seguinte (Jiménez Ávila, 1999: 145; 146 [fig.3, nº 2]; 148); num conjunto de 22 contas da sepultura 1 da necrópole de cistas de Corte Margarida (Aljustrel), datada do século VI a.C. (Deus e Correia, 2005: 617 [fig. 2]; 618); na necrópole de cistas de Fonte Velha de Bensafrim, datada entre o século VI e os inícios do século seguinte (Veiga, 1891 [Est. XXVIII, nº 4]; Gomes, 2016: 409; 411) e faz parte de um colar com 57 contas proveniente de Ampúrias, Girona, datado dos séculos V-IV a.C. (Almagro-Gorbea e Alonzo Cereza, 2009: 86-87). Em Porto do Sabugueiro existe um exemplar monocromo, também designado segmentado, da Idade do Ferro ou de época romana republicana (Arruda *et al.*, 2016: 91 [figs. 14 e 15]).

Outra conta excepcional é cilíndrica alongada (4 cm de comprimento por 1,6 cm de largura), de fundo negro e decorada com espirais onduladas amareladas, ou com raias em espiral (Cf. Fig. 7), recolhida num aterro de um compartimento do chamado complexo de construções do século I a.C. do Sector A1.

Não existem muitos exemplares conhecidos na Península Ibérica: uma num colar composto por 40 contas, encontrado em Ampúrias, datado dos séculos V-IV a.C. (Almagro-Gorbea e Alonzo Cereza, 2009: 84; 85 [nº 27]); outra na necrópole de Puig des Molins, utilizada entre os séculos V e II a.C. (Ruano Ruiz, 1996: 58 [fig.11, nº 3]; 62); duas nos túmulos 4 e 5 da necrópole da Herdade do Pêgo (Ourique), datadas por Haevernick dos séculos VI-V a.C. (Dias, Beirão e Coelho, 1970: 217; 219).

Surgem também em contextos funerários de época romana. Dois exemplares procedem da *villa* romana de Milreu, das escavações de Estácio da Veiga, associados a outras duas contas (Veiga, 1891 [Est. XVIII, nº 9]), sendo uma delas

cilíndrica monocroma (V. 4.4.1.5). Felix Teichner considera insustentável a cronologia da Idade do Ferro atribuída por Estácio da Veiga e propõe uma datação romana republicana (Teichner, 1997: 145-147). Esta proposta, perfeitamente cabível na cronologia de produção destas contas, pode estar a indicar uma cronologia similar para o exemplar de Mesas do Castelinho, atendendo à proximidade cronológica do seu contexto de recolha. No entanto, o mesmo poderá fazer parte do lote de importações mais antigas do povoado, ainda dentro da ocupação da Idade do Ferro, atendendo à cronologia inicial de produção, em torno do século V a.C. Certa é a sua situação pós-deposicional.

As duas contas fusiformes presentes em Mesas do Castelinho apresentam descritores métricos similares. Ainda que ambas fragmentadas, oscilam entre 1,6 cm de comprimento por 1 cm de largura e ambas apresentam fundos negros. Já as decorações, a branco, são distintas: uma apresenta raias (Cf. Fig. 7) e a outra tem uma coroa também branca a meio do seu comprimento. Esta conta reúne-se a outras, num contexto estratigráfico da 2ª metade do século I a.C. (V.5). A raiada foi identificada num momento de abandono em torno do século I a.C.

Não são propriamente estas as cronologias desta forma que surge, em dimensões muitas vezes superiores às dos exemplares de Mesas do Castelinho, desde o século VI a.C. Assim, datada deste século e do século seguinte está a conta fragmentada do túmulo 1 da necrópole da Herdade do Pêgo (Dias, Beirão e Coelho, 1970: 217; 219) as grandes contas, com mais de 10 cm, que compõem parte do colar do túmulo 33 da necrópole alicantina de La Albufereta, datado da 2ª metade do século IV a.C. (Ruano Ruiz, 1995: 194-196), as quatro contas monocromas do conjunto funerário orientalizante de Talavera La

Vieja, Cáceres (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2006: 157 [fig. 1]; 159-160); a também fragmentada presente no colar da inumação 1 da necrópole de Palhais (Beja), datada do século VI a.C. (Santos *et al.*, 2009: 761; 763; fig.5), os dez exemplares monocromos de Cabeça de Vaiamonte, em contextos desconhecidos de recolha (Fabião, 2001: 203-204; 209 [fig.8]).

Atendendo às dimensões das peças fusiformes de Mesas do Castelinho mas também à sua procedência estratigráfica, uma hipótese a necessitar de confirmação com outros contextos coevos, seria a da produção tardia destas contas mais pequenas, porventura já em época romana republicana.

## V. A estratigrafia contada de Mesas do Castelinho

Em qualquer das fases de ocupação de Mesas do Castelinho, a terra impera nas construções, sob a forma de taipa e adobe, e o sítio enterra-se a si próprio com a degradação dos diferentes edificadados (Guerra e Fabião, 2010: 464; Fabião e Guerra, 2010: 329-330). Apenas o registo estratigráfico rigoroso habilita a observação das diferentes etapas de vida do sítio.

É possível apurar até ao momento sete conjuntos de contas reunidas em outros tantos adornos. Apenas dois se enquadram na estratigrafia da Idade do Ferro. Os restantes foram identificados em contextos de cronologia romana mais ou menos avançada dentro das ocupações do povoado (Cf. Fig. 8). Alguns destes conjuntos de época romana devem ser lidos como resultantes de fenómenos pós-deposicionais. Mas a identificação de mais do que uma conta no mesmo estrato ou em estratos que se relacionam



Fig. 8 - Localização dos conjuntos de contas de Mesas do Castelinho.

directamente num compartimento é um factor importante para a atribuição destes conjuntos.

Numa remodelação do Ambiente IX do Sector B3, na plataforma inferior do sítio, foi recolhido um conjunto de quatro contas em vidro: três oculadas (esféricas e de forma anular), com fundos verdes e azul-turquesa e olhos estratificados a branco e azul-cobalto e uma conta cilíndrica em verde petróleo (Cf. Fig. 9A) com possíveis paralelos no acampamento britânico de *Vindolanda* (V. 4.4.I.5). A presença de *terra sigillata* itálica data esta remodelação da 1ª metade do século I d.C.

Na plataforma A, no Sector A3, junto do talude ocidental, em dois derrubes sucessivos, foram identificadas quatro contas reunidas, todas em vidro: duas azul-cobalto e anulares muito pequenas (missangas), uma esférica oculada com fundo negro e olhos estratificados a branco e azul-cobalto e uma esférica oculada de base azul-turquesa e olhos a amarelo e azul-cobalto. Os materiais destes estratos apontam um contexto da 1ª metade do século I d.C., ainda que sem estruturas associadas.

Na mesma plataforma, em dois pisos sucessivos identificados no interior do Ambiente XI do chamado complexo de construções do século I a.C., no Sector A1, foi recolhido um conjunto de quatro contas: duas de forma

anular, sendo uma em âmbar e a outra em vidro azul-cobalto, uma conta bicónica e uma conta esférica em vidro azul-cobalto. Os materiais cerâmicos associados às contas falam de um contexto do século I a.C.

Junto do talude superior oriental, no Sector A4, o Ambiente VIII providenciou a recolha de duas contas: uma missanga esférica em vidro vermelho e uma conta cilíndrica em cornalina. Este conjunto vermelho foi identificado num piso sobreposto por outro no qual a presença de um fragmento de uma pega de um *simpulum* itálico do tipo 1A de Castoldi/Feugère fala de um contexto do século I a.C.



Na plataforma B, um piso do Ambiente XII, no chamado 2º Quarteirão do Sector B3, providenciou sete contas em vidro (Cf. Fig. 9B). O adorno, muito possivelmente um colar, era composto por quatro contas azuis-cobalto (duas esféricas oculadas, com olhos a branco e no mesmo tom de azul, uma anular monocroma e outra oculada a branco e no mesmo tom de azul), uma esférica amarela/castanha, uma bicónica verde e e uma fusiforme negra coroada a branco. Neste conjunto destaca-se uma conta esférica oculada de grandes dimensões. Todas apresentavam sinais de terem sofrido a acção do fogo, situação explicada pela sua concentração num espaço onde mais tarde funcionou um forno. A profusa quantidade de campaniense B calena, sendo a mais recente da 2ª metade do século I a.C., autoriza uma datação contextual tardo-republicana.

Estes cinco conjuntos assim reunidos revelam cronologias contextuais balizadas entre a 2ª metade do século II a.C. e a 1ª metade do século I d.C., num intervalo de 200 anos que mostra a fase inicial da ocupação romana republicana e os inícios da fase romana imperial do sítio, num quadro de vigor económico do povoado.

Uma pequeníssima conta esférica vermelha saiu do enchimento de uma vala de fundação de um dos muros do complexo arquitectónico do Sector AI, construído algures durante a 2ª metade do século II a.C. Uma outra missanga, também vermelha, saiu de um piso do Ambiente XIII cortado por aquela vala de fundação (Cf. Fig. 9C). Esta relação estratigráfica possibilita reunir aquelas duas missangas num adorno (porventura um brinco) ou a sua aplicação em vestuário. Os

materiais do dito piso fornecem uma cronologia contextual balizada entre a 2ª metade do século IV e a 1ª metade do século III a.C.

Na plataforma B, o Ambiente VIII do Sector B2,

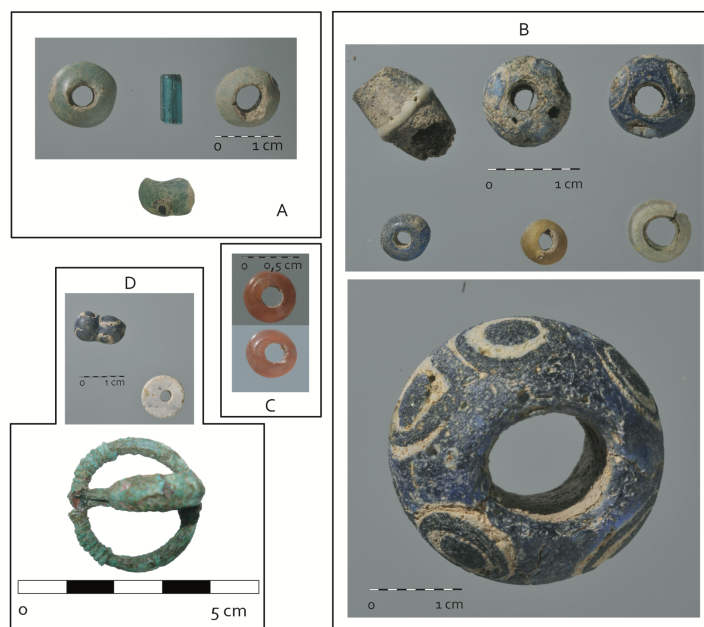


Fig. 9 - Alguns dos conjuntos de contas de Mesas do Castelinho. Contas sobre fundo cinza (foto de Francisco Almeida); Foto da fíbula - Miguez, 2010 [vol. II, nº 57], modificado).

situado junto da muralha ocidental do povoado, providenciou a associação de duas contas e de uma fíbula anular hispânica num momento de utilização da 2ª metade do século IV a.C (Cf. Fig. 9D). A conta cilíndrica possivelmente em quartzo e a fíbula anular hispânica foram identificadas numa lareira. Esta estrutura de combustão funcionou com um piso de terra batida do qual saiu a conta geminada oculada. Com fundo azul-cobalto, apresenta todas as faces oculadas, totalizando quatro olhos, a azul-cobalto e branco. A aplicação dos olhos parece ter seguido a técnica dos olhos estratificados, com a inclusão de uma gota de cristal colocada numa matriz, empurrada para o interior enquanto a matriz estava branda e a introdução de outra gota no interior da primeira. O resultado final era uma sucessão de círculos concêntricos, com um



ponto central mais escuro e espesso (Ruano Ruiz, 1995: 262). A perfuração corre toda a conta, ao longo do seu centímetro de comprimento, exibe leves vestígios da acção do fogo, talvez resultante da sua proximidade à estrutura de combustão, e não parece ter sinais de defeitos de fabrico.

A fíbula anular hispânica da forma 4-A de Cuadrado Díaz corresponde à forma mais frequente no Sudoeste, presente entre os finais do século V e o século IV a.C. As suas reduzidas dimensões, com 2,5 cm de diâmetro, podem estar relacionadas com o seu uso em peças de vestuário delicadas (Miguez, 2010 [vol. I]: 25-26; [vol. II] n° 57).

## VI. Algumas leituras em torno das contas em vidro de Mesas do Castelinho

Porque as contas em vidro constituem o conjunto mais abundante dos elementos de adorno de Mesas do Castelinho, será obrigatório tentar interpretar as frequências das contas mais representadas e de outras menos presentes neste sítio comparativamente aos outros dois locais para os quais temos dados mais completos, afortunadamente também com cronologias comuns: Cabeça de Vaiamonte e Porto do Sabugueiro.

As contas esféricas e as anulares são das mais antigas e das mais presentes no Sudoeste peninsular. A sua produção ocorre entre os séculos VIII e II a.C. Em Cabeça de Vaiamonte ocorrerão centenas de vezes<sup>4</sup> (Fabião, 2001: 203-204) e no Porto do Sabugueiro, existem 68 contas esféricas e 73 anulares (Arruda *et al.*, 2016: 89 [fig. 5]).

Equacionando as quantidades agrupadas das contas esféricas e anulares nos três sítios, obtém-se os seguintes valores: 95,27% do conjunto de Porto do Sabugueiro, 94,6% em Cabeça de Vaiamonte e 81,81% das contas em vidro de Mesas do Castelinho. Os valores não são muito desiguais, sobretudo os primeiros, mas não esqueçamos que lidamos com três sítios onde a presença de contas se dá por razões distintas: Porto do Sabugueiro deu provas de uma produção local de contas monocromas, em Cabeça de Vaiamonte essa produção não é assertiva mas pode ter existido e Mesas do Castelinho mostra-se como local de consumo destes objectos. Talvez aqui resida a explicação daquela inferioridade percentual, que não pode ser alienada do facto de que aqui chegaram outras e variadas contas, num cenário típico de local receptor.

As contas bicónicas são produzidas entre os finais do século VI e os inícios do século II a.C., sendo muito abundantes em Ibiza mas pouco frequentes noutras áreas (Ruano Ruiz, 1996: 66). São ausentes no Porto do Sabugueiro (Arruda *et al.*, 2016: 88). As três contas de Cabeça de Vaiamonte (Fabião, 2001: 204) e as cinco de Mesas do Castelinho mostram esta fraca representatividade.

Em contextos de época romana serão ainda menos frequentes. Na necrópole da Azinhaga do Olival do Senhor dos Mártires, ocupada entre o século II d.C. e os inícios do século III d.C., existe um exemplar bicónico (Gomes, 2013: 816; 819 [fig.2, n° 26]). Em Torre de Ares, um exemplar bicónico faz parte dos contextos desconhecidos desta necrópole da cidade de *Balsa*, utilizada entre os finais do século I a.C. e o século V d.C. (Pereira, 2014 [vol. I]: 151; 218-219; [vol. II]: Est. 19.5).

<sup>4</sup> Naquele estudo não se individualizaram as contagens das contas esféricas e das contas anulares.

Estaremos possivelmente perante uma produção mais tardia, atendendo aos exemplares de Mesas do Castelinho, sendo que um deles foi recolhido em estratigrafia de pleno século II a.C., o que discorda parcialmente da cronologia final de produção apontada para esta forma.

As contas cilíndricas em vidro, produzidas entre os séculos VI e II a.C., estão fracamente representadas em Mesas do Castelinho. Do conjunto de Cabeça de Vaiamonte apenas consta uma conta cilíndrica (Fabião, 2001: 204; 208 [fig. 4]) e está ausente do Porto do Sabugueiro (Arruda *et al.*, 2016: 88).

As duas contas cilíndricas em vidro de Mesas do Castelinho são perfeitamente coincidentes com as frequências destas contas no depósito votivo de Garvão, com três exemplares. Em ambos os sítios surgem menos representadas que as contas em cornalina. E ainda que em Garvão as contas de cornalina se distribuam por formas cilíndricas, esféricas achatadas e bitroncocónicas (por esta ordem de representatividade), vai ao encontro de uma situação que parece evidente e que poderá ter-se iniciado, pelo menos no interior do Sudoeste Peninsular, no século III a.C.

Falo da concordância da representatividade desta forma nas contas em cornalina de Mesas do Castelinho com as contas na mesma matéria-prima do depósito secundário de Garvão, num esquema de obtenção que pode estar relacionado com a cor desejada e com aspectos técnicos. Ou seja, para além de parecer existir alguma preferência pelos tons vermelhos, a partir do século III a.C., já a morfologia mais representada em conjunto, a cilíndrica, pode estar a falar de algum tipo de aperfeiçoamento técnico na produção desta forma e em cornalina, o que em parte explica a abundância desta matéria-prima

nas contas cilíndricas importadas nesta segunda metade do I milénio a.C.

O conjunto de contas oculadas de Mesas do Castelinho, com 22 exemplares, conforma 40% das contas em vidro e 29,3% no total do conjunto de contas do sítio, em dissonância com o conjunto de Cabeça de Vaiamonte que revela uma quantidade reduzida de contas oculadas, apenas 24 entre 889 contas, correspondendo a uns escassíssimos 2,69% de representatividade. O mesmo acontece no Porto do Sabugueiro, com apenas oito contas oculadas por entre as 148 classificáveis, o que configura uma representação de 5,4%. A justificação para esta discrepância pode estar na condição do sítio baixo-alentejano enquanto local exclusivamente receptor. No sítio ribatejano, as contas oculadas mostravam características distintas relativamente às monocromas ali produzidas, indiciando também a sua aquisição (Arruda *et al.*, 2016: 94). E, ainda que se desconheçam os contextos de recolha das contas oculadas de Cabeça de Vaiamonte, será possível entender as suas quantidades enquanto também importações, o que configura, simultaneamente, a possibilidade da produção local de contas monocromas.

Apenas duas contas oculadas estão presentes na estratigrafia da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho: a conta geminada datada da 2ª metade do século IV a.C. e a pequena conta azul-turquesa presente na fase fundacional, entre os finais do século V a.C. e a 1ª metade do século IV a.C. As restantes dispersam-se ou reúnem-se a outras contas, em episódios tão recuados quanto a 2ª metade do século II a.C.

Esta situação pode configurar dois cenários: a sua situação pós-deposicional ou a manutenção, se não da aquisição, pelo menos da utilização de adornos oculados. Para este último panorama

concorrem algumas contas oculadas encontradas reunidas em momentos de utilização de diferentes espaços de época romana republicana de Mesas do Castelinho. Do Castelo da Lousa, Mourão, ocupado em época tardo-republicana e imperial, existem três contas - uma oculada e duas monocromas (Carvalho, 2010). Da Alcáçova de Santarém constam seis contas monocromas num contexto dos séculos II e I a.C. (Arruda, Viegas e Almeida, 2002: 162, n.º 182). Em contextos do 3.º quartel do século II a.C do Castelo de São Jorge (Lisboa) existem duas contas oculadas e são encontradas em momentos dos meados do século I a.C. em Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira (*apud* Arruda *et al.*, 2016: 92). Em suma, uma tradição secular que, ainda que pouco presente em contextos posteriores ao século II a.C., dá provas de não terminar com as etapas finais da Idade do Ferro.

## VII. Em balanço de contas

As contas de Mesas do Castelinho surgem em contextos estratigráficos de quase seis séculos de ocupação contínua, entre os finais do séc. V a.C. e os inícios do séc. II d.C. Devem ser entendidas porém numa cronologia algo mais restrita, entre os momentos iniciais da ocupação e o século II a.C., ou seja, entre a ocupação da Idade do Ferro e os inícios da ocupação de época romana. Isoladas ou em conjuntos, quando identificadas em contextos estratigráficos de cronologias posteriores, são resultado, respectivamente, de situações pós-deposicionais ou da manutenção de uma cultura material de aparências, acessível a poucos dos seus habitantes.

As quantidades de contas deste povoado mostram o padrão da gradual diminuição das importações de vidro de origem mediterrânica a partir do século V a.C., no interior e no litoral. Só

Cabeça de Vaiamonte escapa a este cenário, e mesmo desconhecendo a origem estratigráfica das suas abundantes contas, estas poderão fazer parte das suas ocupações mais tardias, das quais não deve ser alheada a ocupação de época romana republicana e a possibilidade de uma produção local. A produção destes objectos no Porto do Sabugueiro mostra a sua difusão em âmbito regional a partir do século IV a.C., numa prova mais da *atlantização* do Mediterrâneo.

E o Mediterrâneo cabe em Mesas do Castelinho. Parte da prova é encontrada na quantidade considerável das contas em cornalina e das contas oculadas, sendo que destas praticamente metade se reúne a outras.

O posicionamento do povoado junto de vias naturais de passagem possibilita a chegada e distribuição de artigos exógenos como estes, mas também de outros que trazem para além do primário alimento, ideias, crenças, rituais. A sua localização explica a sua ocupação mas também o seu abandono. Mas enquanto vive, é uma porta de entrada do Mediterrâneo num vasto território interior e rural.

A partir de meados do séc. II a.C., num quadro de desenvolvimento urbanístico e económico, chegam ao povoado em grandes quantidades cerâmicas de origem itálica e mantêm-se os circuitos com os centros produtores andaluzes. E os vistosos adornos, herdados ou adquiridos há pouco, embelezam os corpos.

## Agradecimentos

Agradeço a Francisco Almeida, autor de parte das fotografias das contas, e a José Paulo Ruas, que auxiliou logisticamente este registo.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de; DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise; ALARCÃO, Adília Moutinho; PONTE, Salette da (1976). Céramiques diverses et verres. In Jorge de Alarcão; Robert Étienne (dir.) *Fouilles de Conimbriga*, Vol. VI. Paris: Mission Archéologique Française au Portugal / Musée Monographique de Conimbriga / De Boccard.
- ALMAGRO-GORBEA, María Josefa; ALONSO CEREZA, Eduardo (2009). *Vidrios antiguos del Museo Nacional de Artes Decorativas*. Madrid: Real Academia de la Historia (Bibliotheca Archaeologica Hispana, 30).
- ALMAGRO-GORBEA, Martín (2008). Cuentas de collar y botones. In Martín Almagro-Gorbea (ed.) *La necrópolis de Medellín II. Estudio de los hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia (Studia Hispano-Phoenicia, 5-2), pp. 395-401.
- ALVES, Catarina (2014). Campanian ware from Mesas do Castelinho, Portugal. *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta*, 43, pp. 631-638.
- ARRUDA, Ana Margarida (2001). A Idade do Ferro pós-orientalizante no Baixo Alentejo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 4-2, pp. 207-291.
- ARRUDA, Ana Margarida; PEREIRA, Carlos; PIMENTA, João; SOUSA, Elisa; MENDES, Henrique; SOARES, Rui (2016). As contas de vidro do Porto do Sabugueiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 42, pp. 79-101.
- ARRUDA, Ana Margarida; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, Maria José de (coord.) (2002). *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Ministério da Cultura/Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia.
- BEIRÃO, Caetano Maria de Mello Beirão (1986). *Une Civilisation Protohistorique du Sud du Portugal (1<sup>er</sup> Âge du Fer)*. Paris: De Boccard.
- BEIRÃO, Caetano de Mello (1990). Epigrafia da I Idade do Ferro do Sudoeste da Península Ibérica. Novos dados arqueológicos. In *Presenças orientalizantes em Portugal. Da pré-história ao período romano*. Lisboa: Instituto Oriental (Estudos orientais I), pp. 107-118.
- BEIRÃO, Caetano de Mello; CORREIA, Virgílio Hipólito (1998). Novos dados arqueológicos sobre a área de Fernão Vaz. In Julio Mangas Manjarrés; Jaime Alvar (coord.) *Homenaje a José María Blázquez*. Madrid: Ediciones Clásicas, Vol.1, pp. 285-302.
- BEIRÃO, Caetano de Mello; GOMES, Mário Varela (1983). A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Milfontes). *O Arqueólogo Português*, Série IV. (1), pp. 207-266.
- BEIRÃO, Caetano de Mello; SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina; GOMES, Mário Varela; GOMES, Rosa Varela (1985). Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português*, Série IV. (3), pp. 45-136.
- BERROCAL-RANGEL, Luis (1989). El asentamiento “céltico” de Castrejón de Capote (Higuera La Real, Badajoz). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad Autónoma de Madrid*, 16, pp. 245-295.
- CARDOSO, João Luís (2004). Uma tumulação do final do Bronze Final/inícios da Idade do Ferro no sul de Portugal: a *tholos* do Cerro do Malhanito (Alcoutim). In Maria Conceição Lopes; Raquel Vilaça (ed.) *O passado em cena: narrativas e fragmentos. Miscelânea oferecida a Jorge de Alarcão*. Coimbra: Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, pp. 193-223.
- CARDOSO, João Luís; GRADIM, Alexandra (2006). A necrópole da I Idade do Ferro de Cabeço da Vaca 1 (Alcoutim). *Actas do 3<sup>o</sup> Encontro de Arqueologia do Algarve (Silves, 20, 21 e 22 de Outubro de 2005)*. Silves: Câmara Municipal de Silves (Xelb 6), pp. 201-226.
- CARVALHO, Pedro (2010). Vidros. In Jorge Alarcão; Pedro Carvalho; Ana Gonçalves (coord.) *Castelo da Lousa: intervenções arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano (Studia Lusitana, 5), pp. 477-479.
- CERDEÑO, María Luisa; MARTÍNEZ, José Antonio; AGUA, Fernando; SAGARDOY, Teresa; MONASTERIO, Manuel (2012). Âmbar en la Meseta Oriental durante el Bronce Final: Yacimientos locales e importaciones bálticas. *Trabajos de Prehistoria*, 69-2, pp. 375-384.

CORREIA, Virgílio Hipólito; PARREIRA, Rui (2002). *Cola. Circuito arqueológico*. Lisboa: Instituto Português do Património Arqueológico.

COSTA, José Miguel da (1974). O tesouro púnico-tartéssico do Gaio (Sines) (Século VII a.C.). Novos achados. *Actas das II Jornadas Arqueológicas, Lisboa 1972*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, Vol. II, pp. 97-120

DEUS, Manuela de; ANTUNES, Ana Sofia; SOARES, António Monge (2009). A Salsa 3 (Serpa) no contexto dos povoados abertos do Bronze Final do Sudoeste. In Juan Aurelio Pérez Macías; Eduardo Romero Bomba (coord.) *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad de Huelva, pp. 514-543.

DEUS, Manuela de; CORREIA, José (2005). Corte Margarida. Mais uma necrópole orientalizante no Baixo Alentejo. In Sebastián Celestino Pérez; Javier Jiménez Ávila (coord.) *El período orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida. Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos de AEspA; XXXV), pp. 615-618.

DIAS, Manuela Alves; BEIRÃO, Caetano de Melo; COELHO, Luís (1970). Duas necrópoles da Idade do Ferro no Baixo Alentejo: Ourique (notícia preliminar). *O Arqueólogo Português, Série III (IV)*, pp. 175-219.

ESTRELA, Susana (2010). *Os Níveis Fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os Contextos Arqueológicos na (Re) Construção do Povoado*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa. 2 Vols [Disponível em:] <http://hdl.handle.net/10451/3009>.

ESTRELA, Susana (2010-2011). Mesas do Castelinho (Almodôvar): uma aldeia amuralhada na paisagem da Idade do Ferro do Baixo Alentejo. *Arqueologia & História*, 62-63, pp. 101-115.

FABIÃO, Carlos (1996). O povoado fortificado de Cabeça de Vaiamonte (Monforte). A cidade. *Revista cultural de Portalegre*. Nova série, 11, pp. 35-84.

FABIÃO, Carlos (1998). *O Mundo Indígena e a sua Romanização na Área Céltica do Território hoje Português*. Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade

de Letras da Universidade de Lisboa. 3 Vols. [policopiado].

FABIÃO, Carlos (1999). A propósito do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo: a baixela romana tardo-republicana em bronze no extremo ocidente peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 2-1, pp. 163-198.

FABIÃO, Carlos (2001). Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. In *Os Púnicos no Extremo Ocidente. Actas do Colóquio Internacional realizado na Universidade Aberta, Lisboa, 27 e 28 de Outubro de 2000*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 197-228.

FABIÃO Carlos; GUERRA, Amílcar (1994). As ocupações antigas de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Resultados preliminares das campanhas de 1990-92. *Actas das V Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1993*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. II, pp. 275-289.

FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (2008). Mesas do Castelinho (Almodôvar): um projecto com vinte anos. *Al-Madan*, II Série, 16, pp. 92-105.

FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar (2010). Mesas do Castelinho (Almodôvar): a case of a failed Roman town in Southern Lusitania. In Cristina Corsi; Frank Vermeulen (ed.) *Changing Landscapes: The impact of Roman towns in the Western Mediterranean. Proceedings of the International Colloquium, Castelo de Vide – Marvão, 15th-17th May 2008*. Bologna: Ante Quem, pp. 325-346.

FILIFE, Victor (2010). As ânforas de tradição pré-romana de Mesas do Castelinho (Almodôvar). *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 13, pp. 57-88.

GARCÍA HERAS, Manuel; RINCÓN LÓPEZ, Jesús María; JIMENO MARTÍNEZ, Alfredo; VILLEGAS BRONCANO, María Ángeles (2003). Estudio arqueométrico de cuentas de vidrio procedentes de la necrópolis de Numancia (siglo II a.C.). *Trabajos de Prehistoria*, 60-1, pp. 173-181.



- GARCÍA SANJUÁN, Leonardo; GARRIDO GONZÁLEZ, Pablo; LOZANO GÓMEZ, Fernando (2007). Las piedras de la memoria (II). El uso en época romana de espacios y monumentos sagrados prehistóricos del Sur de la Península Ibérica. *Complutum*, 18, pp. 109-130.
- GOMES, Francisco Bentes (2013). Vidros romanos das necrópoles de Alcácer do Sal depositados no Museu Nacional de Arqueologia. In José Morais Arnaud; Andrea Martins; César Neves (coord.) *Arqueologia em Portugal 150 anos. Atas do I Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 21 a 24 novembro de 2013*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 813-820.
- GOMES, Francisco Bentes (2014). Importações mediterrâneas em contextos «pós-orientalizantes» do Sul de Portugal (séculos VI-V a.n.e.). *Onoba*, 2, pp. 27-44.
- GOMES, Francisco João Bentes (2016). *Contactos Culturais e Discursos Identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): Leituras a partir do Registo Funerário*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa [Disponível em:] <http://hdl.handle.net/10451/25042>.
- GOMES, Mário Varela (1990). O Oriente no Ocidente. Testemunhos iconográficos na proto-história do Sul de Portugal: smiting gods ou deuses ameaçadores. *Presenças orientalizantes em Portugal. Da pré-história ao período romano*. Lisboa: Instituto Oriental (Estudos Orientais I), pp. 53-106.
- GONÇALVES, António Pereira; SOARES, António Manuel Monge (2010). As “contas de colar” dos Ratinhos - I. As contas em pedra, análise por Difrração de Raios X. In Luis Berrocal-Rangel; António Carlos Silva *O Castro dos Ratinhos (Barragem do Alqueva, Moura). Escavações num povoado proto-histórico do Guadiana, 2004-2007*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia (O Arqueólogo Português - Suplemento 6), pp. 389-392.
- GONÇALVES, António Pereira; SOARES, António Manuel Monge; SILVA, António Carlos; BERROCAL-RANGEL, Luis (2011). Stone beads from Late Bronze Age and Early Iron Age settlements from South-western Portugal: Analyses by X-ray diffraction. In Isabella Turbanti-Memmi (ed.) *Proceedings of the 37th International Symposium on Archaeometry, 13th-16th May 2008, Siena, Italy*. Berlin/Heidelberg: Springer, pp. 227-231.
- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (2001). Mesas do Castelinho, Almodôvar: uma fortificação rural islâmica do Baixo Alentejo. In Isabel Fernandes (coord.) *Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos, Palmela. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. Lisboa: Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, pp. 171-176.
- GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (2010). Mesas do Castelinho (Almodôvar): um exemplo de urbanismo falhado no sul da Lusitânia. In Jean-Gérard Gorges; Trinidad Nogales Basarrate (ed.) *VII Table Ronde Internationale sur la Lusitanie Romaine. Naissance da Lusitanie Romaine (Ier av. – Ier ap. J. C.)*. Toulouse, 8-9 novembre 2007. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano de Mérida, pp. 459-488.
- HOFFMANN, Birgitta (2003). Roman glass from Newstead and Vindolanda. *Annales du 15e Congrès de l'Association Internationale pour l'Histoire du Verre, New York 2001*. Nottingham: Association Internationale pour l'Histoire du Verre, pp. 41-44.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (1999). Los objetos de vidrio procedentes del yacimiento de Pajares. Estudio preliminar. In Sebastián Celestino Pérez (ed.) *El yacimiento protohistórico de Pajares. Villanueva de La Vera. Cáceres. 1. Las necrópolis y el tesoro áureo*. Mérida: Junta de Extremadura (Memorias de Arqueología Extremeña 3), pp. 139-152.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2001). La necrópolis de “El Jardal” (Herrera del Duque, Badajoz): elementos para el estudio del ritual funerario del Suroeste peninsular a finales de la I Edad del Hierro. *Complutum*, 12, pp. 113-122.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2002-2003). Estructuras tumulares en el Suroeste ibérico. En torno al fenómeno tumular en la protohistoria peninsular. *Homenaje a la Dra. Dña. Encarnación Ruano*. Madrid: Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología (42), pp. 81-120.
- JIMÉNEZ ÁVILA, Javier (2003). Los objetos de pasta vítrea de Cancho Roano. In Sebastián Celestino Pérez

(ed.) *Cancho Roano VIII. Los materiales arqueológicos I*. Mérida: Junta de Extremadura, pp. 263-291.

JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; ORTEGA BLANCO (2006). Objetos de marfil, hueso y vidrio. Objetos varios. In Javier Jiménez Ávila (ed.) *El conjunto orientalizante de Talavera La Vieja (Cáceres)*. Cáceres: Junta de Extremadura (Memorias de Arqueología Extremeña 5), pp. 155-161.

LÓPEZ AMADOR, Juan José; RUIZ GIL, José Antonio (2010). Las ofrendas del santuario púnico-gaditano de La Algaida (Sanlúcar de Barrameda). In Esperanza Mata Almonte (ed.) *Cuatrenario y arqueología: homenaje a Francisco Giles Pacheco*. Cádiz: Asociación Profesional del Patrimonio Histórico-Arqueológico de Cádiz/Servicio de Publicaciones de la Diputación Provincial de Cádiz, pp. 433-450.

MAIA, Maria Garcia Pereira (1985-1986). Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal. *Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y Culturas Paleohispánicas* (Vitoria /Gasteiz, 1985). *Veleia*, 2-3, pp. 223-242.

MAIA, Maria Garcia Pereira; MAIA, Manuel (1996). *Arqueologia do couto mineiro de Neves Corvo. Mineração no Baixo Alentejo*. Castro Verde: Câmara Municipal de Castro Verde, pp. 83-93.

MARTÍN DE LA CRUZ, José Clemente; VERA RODRÍGUEZ, Juan Carlos; SANCHÉZ ROMERO, Alfonso; RUIZ MATA, Diego; PÉREZ PÉREZ, Carmen; RUIZ GIL, José Antonio; LAPEZ AMADOR, Juan José; BARRIOS NEIRA, Julia; MONTEALEGRE CONTRERAS, Luis; IBARRA DE DIOS, Francisco J. (2004). *Colgantes y cuentas de cornalina procedentes de Andalucía Occidental. Mirando al mar. Perspectivas desde el Poniente Mediterráneo: II y I milenios a.C.* Córdoba: Universidad de Córdoba (Revista de Prehistoria 3), pp. 6-47.

MARTÍNEZ MIRA, Isidro; VILAPLANA ORTEGO, Eduardo (2014). Cuentas de collar de La Fonteta (Guardamar, Alicante) y La Peña Negra (Crevillente, Alicante): descripción y análisis instrumental. In Alfredo González Prats (ed.) *La Fonteta - 2. Estudio de los materiales arqueológicos hallados en la colonia fenicia de la actual desembocadura del río Segura (Guardamar, Alicante)*. Alicante: Universidad de Alicante. (Seminarios Internacionales sobre Temas Fenicios 2), pp. 848-931.

MATALOTO, Rui (2012). Os senhores e as serras: o final da Idade do Bronze no Alentejo Central. In Javier Jiménez Ávila (ed.) *Sidereum Ana II – El río Guadiana en el Bronce Final*. Mérida: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (Anejos de AEspA, LXII), pp. 185-213.

MIGUEZ, João (2010). *As Fíbulas do Sudoeste da Península Ibérica enquanto Marcadores Étnicos: O Caso de Mesas do Castelinho*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [Disponível em:] <https://independent.academia.edu/JoãoMiguez>.

MIGUEZ, João Nuno (2013). As fíbulas do tipo Schüle 4h no Sudoeste da Península Ibérica. In Nieves Medina Rosales (ed.) *VII Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular. Aroche-Serpa, 29, 30 de noviembre, y 1 de diciembre de 2013*. Aroche: Ayuntamiento de Aroche, pp. 1303-1326.

MURILLO-BARROSO, Mercedes; MARTINÓN-TORRES, Marcos (2012). Amber sources and trade in the Prehistory of the Iberian Peninsula. *European Journal of Archaeology*, 15, pp. 187-216.

NOLEN, Jeannette U. Smit (1994). *Cerâmicas e vidros de Torre de Ares. Balsa: incluindo o espólio ósseo e medieval*. Lisboa: Instituto Português de Museus/ Museu Nacional de Arqueologia.

PALOMAR, Teresa; PEÑA-POZA, Javier; CONDE, Juan Felix (2009). Cuentas de vidrio prerromanas y arqueometría: una valoración de los trabajos realizados en la Península Ibérica. *Zephyrus*, LXIV, pp. 53-62.

PARREIRA, Jorge (2009). *As Ânforas Romanas de Mesas do Castelinho*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [disponível em:] <http://hdl.handle.net/10451/446>.

PEREIRA, Carlos (2014). *As Necrópoles Romanas do Algarve. Acerca dos Espaços da Morte no Extremo Sul da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 Vols. [disponível em:] <http://hdl.handle.net/10451/11460>.

RUANO RUIZ, Encarnación (1995). Cuentas policromas prerromanas decoradas con “ojos”.

Espacio, tiempo y forma. *Historia antigua*, Série II, 8, pp. 255-286.

RUANO RUIZ, Encarnación (1996). *Las cuentas de vidrio prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera*. Eivissa: Govern Balear/Conselleria d'Educació, Cultura i Esports (Treballs del Museu Arqueològic d'Eivissa 36).

RUANO RUIZ, Encarnación (1997). Perles en verre provenant de la nécropole ibérique d'El Cigarralejo, Mula (Murcia, Espagne), Ve-IIe siècle av. J.-C. In Uta Von Freeden; Alfred Wiczorek (ed.) *Perlen. Archäologie, Techniken, Analysen. Akten des Internationalen Perlensymposiums in Mannheim vom 11 bis 14 November 1994*. Bonn: Habelt. (Kolloquien zur Vor- und Frühgeschichte 1), pp. 13-40.

RUANO RUIZ, Encarnación (2001). El vidrio antiguo (siglo VIII al IV a.C.). El Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz). I. Las cuentas de vidrio procedentes del poblado del Castillo de Doña Blanca, El Puerto de Santa María, Cádiz. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 41, pp. 57-64.

RUANO RUIZ, Encarnación; HOFFMAN, Peter; RINCÓN, Jesús María (1995). Aproximación al estudio del vidrio prerromano: los materiales procedentes de la necrópolis ibérica de El Cigarralejo (Mula, Murcia). Composición química de varias cuentas de collar. *Trabajos de Prehistoria*, 52-1, pp. 189-206.

SAN NICOLÁS PEDRAZ, María Pilar (1986). Orfebrería púnica: los collares de Ibiza en el Museo Arqueológico Nacional de Madrid. *Saguntum*, 20, pp. 57-94.

SANTOS, Filipe João; ANTUNES; Ana Sofia Tamissa; GRILO; Carolina; DEUS, Manuela de (2009). A necrópole da I Idade do Ferro de Palhais (Beringel, Beja). Resultados preliminares de uma intervenção de emergência no Baixo-Alentejo. In Juan Aurelio Pérez Macías; Eduardo Romero Bomba (coord.) *IV Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Huelva: Universidad de Huelva, pp. 746-804.

TEICHNER, Felix (1997). Die römischen Villen vom Milreu (Algarve, Portugal). Ein Beitrag zur Romanisierung der südlichen Provinz Lusitania. *Madrider Mitteilungen*, 38, pp. 106-162.

TORRES ORTIZ, Mariano (2013). *Los colgantes de cornalina de Mesas de Asta*. Jerez de la Frontera: Museo Arqueológico de Jerez (La pieza del mes 27 de abril de 2013).

VEIGA, Sebastião Philippes Martins Estácio da (1891). *Antiguidades monumentaes do Algarve: tempos prehistóricos*. Vol. IV. Lisboa: Imprensa Nacional.

VIEGAS, Catarina (2011). *A ocupação romana do Algarve. Estudo do povoamento e economia do Algarve central e oriental no período romano*. Lisboa: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (Estudos e Memórias 3).

VIEGAS, Catarina (2019). Terra Sigillata trade in Mesas do Castelinho (Almodôvar – Portugal): patterns of imports and contextual data in Southern Lusitania. *Spal*, 28-1, pp. 97-129.